

Negociação entra no 6º capítulo

Atores do antigo filme prometem que desta vez haverá um final

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Os cenários, a coreografia e a maioria dos personagens são conhecidos. O roteiro ficou mais variado. Mas a hipótese de um final feliz — ou de um final qualquer — ainda é miragem. Bem-vindo à **Negociação da Dívida Externa - VI**, o novo capítulo das relações do Brasil com seus credores. Até agora, o País só se deu mal.

Com os atores cansados e o público desinteressado, a promessa é de que este será o epílogo da série. “Desta vez, queremos chegar a um acordo definitivo”, anunciou o chefe da equipe que negociará com os banqueiros, Jório Dauster. “É o que nós também queremos”, disse William Rhodes, o executivo do Citibank que há seis anos preside o comitê dos bancos credores.

As filmagens começam amanhã e continuam na terça-feira, com cenas familiares. No Hotel Intercontinental de Nova York, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, fará um relato do programa econômico do governo, separadamente, a altos executivos dos principais bancos americanos.



Alfredo Rizzutti/AE — 20/9/87

Dauster: “A estratégia da negociação não está pronta”

Ela vai repetir, a cada um, o desejo do governo de normalizar as relações do Brasil com a comunidade financeira internacional. “Uma negociação criativa, sem fronteiras”, anuncia.

Dos banqueiros, Zélia ouvirá aplausos polidos aos propósitos do Plano Collor, a reafirmação do desejo de todos de negociar um menu variado e uma reivindicação: a retomada do pagamento de juros, que está suspenso desde meados de 1989 e já cresceu mais de US\$ 5 bilhões à dívida de médio e longo prazo. “o reinício do pagamento de juros é a chave”, afirmou o executivo de um grande banco de Nova York. “Dinheiro é a única

coisa que convencerá os bancos da seriedade dos propósitos do governo em negociar”, acrescentou.

O roteiro preparado pelo Brasil parece sujeito a mudanças nesse aspecto. Mas as surpresas, dificuldades e trapalhadas na execução do programa econômico ameaçam tornar o enredo mais longo. No Banco Mundial e no Fundo Monetário Internacional, já se teme que a equipe econômica esteja perdendo tempo e acabe por perder o pique reformista. O aumento das reservas internacionais do País destruiu o argumento técnico do governo anterior para suspender os pagamentos: falta de dinheiro.

A ministra da Economia, depois de ser aconselhada pelo secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, a tratar do problema diretamente com os bancos, disse que o governo só poderá decidir a respeito do pagamento dos atrasados depois de concluir a revisão do orçamento federal, prevista para junho.

Uma fórmula sugerida pelos credores é a normalização dos pagamentos de juros do último empréstimo feito ao Brasil, em 1988, por quase 400 bancos, no valor da US\$ 5,2 bilhões, dos quais US\$ 4,6 bilhões foram desembolsados. Outra hipótese seria uma retomada parcial dos pagamentos correntes, ficando os atrasados para o acordo global da dívida.

Estabelecer pontes e estimular um clima favorável às negociações é, segundo o embaixador brasileiro nos EUA, Marcílio Marques Moreira, o principal propósito dos encontros de Zélia e do negociador da dívida, Jório Dauster, com os banqueiros. “O importante, neste momento, é conversar”, disse.

No que depender do governo brasileiro, este último capítulo da negociação será o mais longo e complexo de todos e só vai esquentar depois de setembro, quando — se tudo der certo — o Plano Collor terá produzido resultados confiáveis e o País poderá contar com o apoio do FMI.